



A internacionalização no IFPI: rompendo fronteiras no ensino superior

Áurea Regina do Nascimento Santos*

RESUMO

A multiculturalidade característica dos novos tempos pressupõe profissionais diferentes, com capacidade de mobilidade e de se relacionar com diferentes culturas. Para formar esse profissional, o ensino superior se vê diante do desafio de se inserir, ele próprio, no contexto internacional, justificando o presente estudo, que buscou discutir o processo de internacionalização no âmbito do Instituto Federal do Piauí (IFPI), verificando como os programas governamentais e as ações internas voltadas para a expansão da internacionalização começaram a influenciar projetos de ensino, pesquisa e extensão no IFPI. Para tanto, uma análise do processo de internacionalização no IFPI, através da participação de estudantes de cursos de graduação em programas de mobilidade acadêmica. Como resultados, verificamos que esse processo ainda se encontra em fase inicial, mas com uma perspectiva de maior participação da comunidade acadêmica no futuro.

Palavras-Chave: Ensino superior. Internacionalização. IFPI.

ABSTRACT

Multiculturalism is a characteristic of modern times and it assumes that different professionals are able to relate to different cultures as well as have international academic mobility. In order to prepare such professionals, higher education faces the challenge of inserting itself in the international context, justifying the present study that sought to discuss the process of internationalization within the Federal Institute of Piauí (IFPI). We observe how government programs and actions developed by IFPI focused on the expansion of internationalization to influence teaching, research and outreach community projects at IFPI. Thus, we analyzed the internationalization process at IFPI through the participation of undergraduate students in academic mobility programs. As a result, we could verify that the process is still in the beginning but with the perspective of a larger engagement by the academic community in the near future.

Keywords: Higher education. Internationalization. IFPI.

1 INTRODUÇÃO

O mundo ganhou novos contornos a partir do avanço dos meios de comunicação, da mobilidade dos meios de produção e da redução das barreiras nacionais em todas as áreas, e mais especialmente na economia. Essa economia globalizada, que teve grande notoriedade no século XX, impacta diretamente no sistema acadêmico internacional, pressionando as universidades a se adaptarem frente a essas novas circunstâncias.

De Wit (2002, p. 345) destaca que “a internacionalização é um processo e ao mesmo tempo uma resposta à globalização, mas não deve ser confundida com a globalização

*Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Piauí, Brasil. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Brasil.
E-mail: aureasantos@ifpi.edu.br

por ela mesma”. Internacionalização inclui tanto aspectos locais quanto internacionais, ou seja, elementos interculturais.

Nesse cenário, as instituições começaram a explorar essa nova realidade, buscando utilizar as potencialidades do intercâmbio de pessoas, experiências e informações para desenvolver seus padrões internos de ensino e pesquisa e resolver problemas de interesse comum a diferentes comunidades.

Embora, no Brasil, a internacionalização acadêmica ainda seja um desafio, apesar do reconhecimento quanto à sua necessidade e do crescente financiamento nos últimos anos, ela ainda é, no país, pouco compreendida. Faz-se necessário pensar num Brasil maior e soberano a partir da implementação de uma dimensão internacional às instituições de ensino superior possibilitando-lhes o intercâmbio de conhecimento e experiências de forma a propiciar um crescimento qualitativo da graduação, pós-graduação e pesquisa, respeitando-se as diversidades culturais (TELES, 2005).

A definição de políticas de internacionalização tem origem na ideia de que internacionalização significa o processo de se tornar internacional. Essa simples definição não esclarece, porém, o conteúdo e os limites da chamada internacionalização acadêmica: o que significa ‘tornar-se internacional’ em termos acadêmicos? O significado de ‘tornar-se internacional’, ou ‘internacionalizar-se’, compreende-se a partir do questionamento dos objetivos da internacionalização, os quais podem ser resumidos a uma hipótese de natureza predominantemente institucional e outra, de natureza principalmente acadêmica.

Segundo Sudgen (2004, p. 121), pela linha institucional, a internacionalização poderia ser entendida simplesmente como um processo voltado para a mera aquisição de renome internacional em benefício de certa instituição de ensino superior (IES). Nessa concepção o objetivo maior da internacionalização seria o da divulgação da IES para a “venda” de seus serviços (MOK, 2006, p. 260).

Embora, cada IES deva, individualmente, caracterizar o processo de internacionalização acadêmica nas suas ações institucionais, dentro de seus limites de autonomia científica e administrativa (art. 213 da CR e art. 53 da LDB), existem parâmetros constitucionais, legais e ministeriais que precisam ser analisados, uma vez que eles condicionam tanto a autonomia das IES, quanto a liberdade dos órgãos públicos que tratam da avaliação da educação superior, incluindo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Dos princípios que regem as relações internacionais, destacam-se principalmente a busca da cooperação entre os povos para o progresso da humanidade (art. 4º, IX) e a efetivação da integração latino-americana, inclusive em termos sociais e culturais (art. 4º, parágrafo único). Esses dois parâmetros são indicativos para o estabelecimento de políticas de internacionalização acadêmica e têm sido considerados de modo crescente pelas agências federais.

No nível legal não se encontram menções expressas sobre as políticas de internacionalização. No entanto, algumas diretrizes podem ser extraídas do texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) a partir de uma interpretação que considere os objetivos do sistema educacional brasileiro.

De acordo com a LDB, a internacionalização pode ser entendida como uma ferramenta necessária à consecução das finalidades estabelecidas para a educação superior (art. 43, III, IV, V e VI da LDB). Nesse contexto, ela se destacaria como um meio para “incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e a criação e difusão da cultura”, em benefício do entendimento do homem e do meio em que vive; “promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação”; bem como “suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional” e “estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais”.

A partir das diretrizes da educação, da ciência e tecnologia e das relações internacionais brasileiras, é possível visualizar as políticas de internacionalização acadêmica no Brasil como um mecanismo essencial, não somente para a formação acadêmica (discente e docente), como também para a solução de problemas brasileiros e comuns da humanidade (TELES, 2005), bem como para a divulgação e promoção do conhecimento guiado por um ideal de solidariedade.

2 METODOLOGIA

Como o presente estudo pretende explorar e compreender o processo de internacionalização do Instituto Federal do Piauí (IFPI), a pesquisa qualitativa do tipo exploratória, utilizando como estratégia o estudo de caso foi considerada a mais adequada.

A pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem sua compreensão. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso.

O estudo de caso é utilizado quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento (GIL, 2002, p. 54). O estudo de caso tem se tornado a modalidade preferida daqueles que procuram saber como e porque certos fenômenos acontecem; dos que se dedicam a analisar eventos sobre os quais a possibilidade de controle é reduzida ou quando os fenômenos analisados são atuais e só fazem sentido dentro de um contexto específico (NEVES, 1996, p. 19).

A análise do conteúdo dos dados baseia-se em Bardin (2004) ao afirmar que os objetivos básicos são a superação da incerteza sobre a leitura feita do objeto de estudo, tornando-a válida e generalizável, assim como buscar o enriquecimento da leitura ao aprofundar a compreensão do significado do assunto que é tratado e, com isso, aumentar a produtividade e a pertinência das inferências que serão originadas.

Para realização deste estudo, questionários foram aplicados aos 08 (oito) primeiros estudantes do IFPI que participaram do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) no período de 2012-2013.

A revisão teórica focou o processo de internacionalização das IES brasileiras, especificamente, do IFPI. A análise dos resultados do presente estudo considerou as práticas que possibilitam a inserção internacional do IFPI como estratégia e reflexo positivo da interdependência global, de forma a potencializar o cumprimento da principal missão que é preparar os profissionais para uma sociedade cada vez mais globalizada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A internacionalização do ensino superior

Uma breve retrospectiva histórica demonstra que a origem das Universidades tem forte influência internacional. Professores provenientes de várias partes do mundo foram recrutados para iniciar as primeiras atividades de ensino e pesquisa. Desta forma, pode-se

dizer que a internacionalização é um processo que remete à análise das fundações das antigas Universidades de Paris e Bolonha no século XIII.

Stallivieri (2004, p. 32) lembra que o caráter internacional das universidades está presente desde a Idade Média com a criação das primeiras escolas europeias; a formação dessas escolas chamadas *universitas*, contava com professores e estudantes de diferentes regiões e países, apresentando, em sua constituição, comunidades internacionais, que se reuniam em busca de conhecimento. Portanto, não é de hoje que o tema internacionalização da educação tem sido central em discussões e debates no Brasil e no mundo.

Segundo Oliveira (2007), o foco desta discussão tem centrado as discussões na constatação de que “não há mais fronteiras para a educação”, pois os avanços na área educacional e na área tecnológica promovem mudanças que vêm definindo os rumos da humanidade ao mesmo tempo em que novas relações e modelos estão se configurando entre os países e entre as instituições educacionais, que oportunizam intercâmbios econômicos, sociais, culturais e educacionais.

No contexto das políticas de internacionalização da educação superior, fazem parte a própria tradição universitária de parcerias e vários tipos de cooperação objetivando aumentar a qualidade acadêmica e a relevância social da educação superior.

Algumas razões também podem ser interpretadas como os motivos da incorporação da dimensão internacional pelas IES em suas atividades. Miura (2006, p.15) sugere que as razões devem responder, por exemplo, às perguntas que se seguem: Por que a internacionalização é um fenômeno em ascensão? Por que as instituições de ensino superior, os governos nacionais, os órgãos internacionais e o setor privado estão envolvidos nas atividades de internacionalização das IES?

Diferentes motivos podem levar as IES a diferentes formas e abordagens de internacionalização e, conseqüentemente a diferentes resultados esperados e alcançados.

Além de ser uma resposta à globalização, Miura (2006, p.27) indica outras razões que podem conduzir as IES ao processo de internacionalização, a saber:

- razões políticas (busca pela paz e entendimento mútuo);
- razões econômicas (preocupação com a competitividade e crescimento econômico);
- razões socioculturais (expansão de valores morais e nacionais);
- razões acadêmicas (qualificação das pessoas para o mercado de trabalho, reputação da IES, qualidade do ensino, pesquisa e serviços, exposição cultural decorrente da mobilidade de estudantes e professores).

Uma pesquisa realizada pela *International Association of Universities - IAU - Survey Report* (2006) revela uma diversidade de metas, razões, estratégias, além de um novo cenário geográfico, práticas e modelos.

A Figura 1 ilustra as principais razões para internacionalização apontadas pelas instituições de ensino superior que participaram da pesquisa para a IAU.



Figura 1 – Principais razões para internacionalização apontadas pelas IES
Fonte: IAU Survey Report (2006)

Conforme as razões apresentadas, podemos verificar que o desenvolvimento de pesquisas e a mobilidade de alunos e professores são os dois maiores motivadores para que as instituições de ensino superior busquem consolidar a política de internacionalização, fortalecendo o ensino, a pesquisa e a extensão ao tempo em que envolve a comunidade acadêmica.

A internacionalização da educação compreende um processo deliberado de introdução de dimensões internacionais, de caráter intercultural nos aspectos que envolvem atividades de ensino e pesquisa. Atualmente, a experiência internacional se apresenta como critério de empregabilidade nos mercados de trabalho, profissional e acadêmico (KNIGHT, 2005, p. 05).

Segundo Morhy (2005 apud TELES, 2005), o mundo em rápida transformação e o avanço da sociedade do conhecimento demandam recursos humanos de alto nível, aptos ao exercício da interpretação das condições internacionalizadas que alimentam a própria internacionalização das universidades.

3.2 O Programa Ciência sem Fronteiras

Em vista da importância desse fenômeno para as instituições de ensino superior brasileiras, foi criado pelo Governo Federal em 13 de dezembro de 2011, através do Decreto nº 7.642, o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa foi fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC.

O programa foi criado com o objetivo de oferecer 101 mil bolsas de estudo em quatro anos para promover intercâmbio, de forma que alunos de graduação e pós-graduação fizessem estágio no exterior com a finalidade de manter contato com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação.

Além disso, o programa buscava atrair pesquisadores do exterior para se fixarem no Brasil ou estabelecer parcerias com os pesquisadores brasileiros nas áreas prioritárias definidas no Programa, bem como criar oportunidade para que pesquisadores de empresas recebessem treinamento especializado no exterior.

O Programa CsF provocou uma grande movimentação entre alunos e professores das IES brasileiras, inclusive do IFPI, para que nenhum aluno em potencial perdesse a oportunidade de participar do programa de mobilidade acadêmica que o governo federal disponibilizava naquele momento.

O primeiro grupo de discentes do IFPI a participar do programa contou com 08 alunos de dois *campi*. A participação desse grupo de estudantes abriu as portas para o desenvolvimento de projetos voltados para a internacionalização do IFPI em seus 17 *campi* espalhados pelo estado, como, por exemplo: a criação de cursos de extensão para o ensino de línguas estrangeiras como inglês e espanhol; contatos com universidades estrangeiras por parte dos gestores e professores para o desenvolvimento de convênios; visitas ao IFPI e a IES estrangeiras para conhecer a infraestrutura de cada parte envolvida nos convênios; e, a elaboração do Projeto Rompendo Fronteiras, que tem o objetivo de preparar e acompanhar os alunos do IFPI em programas de mobilidade acadêmica.

O Projeto Rompendo Fronteiras (RF) consiste em uma série de 03 (três) encontros preparatórios com os estudantes selecionados para os programas de mobilidade acadêmica

bem como de 01 (um) encontro para avaliação da participação dos alunos quando eles retornam ao Brasil.

Os encontros iniciais incluíram as orientações sobre o afastamento desses alunos para o exterior como, por exemplo, documentação (passaporte, seguro-saúde, vacinação, emissão de visto quando necessário, histórico escolar, certificado de proficiência quando necessário), aspectos linguísticos e culturais, moradia e transporte no exterior, planejamento e gerenciamento de orçamento para a viagem e integração e validação de currículo.

O acompanhamento foi feito através do envio, por correio eletrônico, de relatórios semestrais para os alunos e contato através da *internet* e telefonemas. Ao retornarem, os 08 estudantes foram reunidos novamente para fazerem a avaliação tanto do Programa Ciência sem Fronteiras quanto do Projeto Rompendo Fronteiras.

As perguntas do questionário aplicado a eles referiam-se ao período de preparação para o intercâmbio e como essa preparação os auxiliou na chegada ao país de estudo e durante o ano acadêmico.

Os alunos relataram as dificuldades enfrentadas com o idioma. Para 07 deles (87,5%), a língua espanhola “foi difícil de entender” nos primeiros meses. De acordo com a Chamada Pública nº 115/2012 – Espanha, os candidatos não precisaram apresentar comprovante de proficiência em língua espanhola. Isso fez com que a seleção fosse baseada apenas no desempenho acadêmico dos candidatos nas IES brasileiras.

Todos os alunos também informaram no questionário que o ensino nas universidades estrangeiras apresentava uma carga horária diferenciada com menos aulas presenciais e mais momentos para estudo individual, participação em projetos de pesquisa e estágio. Essa característica os ajudou a desenvolver um senso maior de “responsabilidade para com os trabalhos acadêmicos”.

O questionário também incluiu perguntas sobre o Projeto Rompendo Fronteiras, questionando como essa preparação os ajudou durante o intercâmbio acadêmico. A resposta de 100% dos estudantes foi que os encontros de preparação foram essenciais para ajudá-los a “diminuir o nervosismo na chegada ao exterior” e a “saber quem eles deveriam procurar caso surgisse alguma necessidade”.

Esse projeto foi pensado considerando que os alunos do IFPI selecionados para o Programa Ciência sem Fronteiras nunca haviam saído do país, alguns nunca haviam viajado de avião. As condições socioeconômicas dos estudantes eram variadas e nos ajudou a ter uma maior noção dos conteúdos e temas que deveriam ser abordados nos encontros de orientação

do Projeto Rompendo Fronteiras, antes do período de estudos no exterior, com cada grupo que se seguiu.

Assim, o projeto continuou com a preparação e o acompanhamento de 57 estudantes que permaneceram no exterior até o final do ano de 2015, em diversos países da América do Norte, Europa, Ásia e Oceania (Gráfico 1).

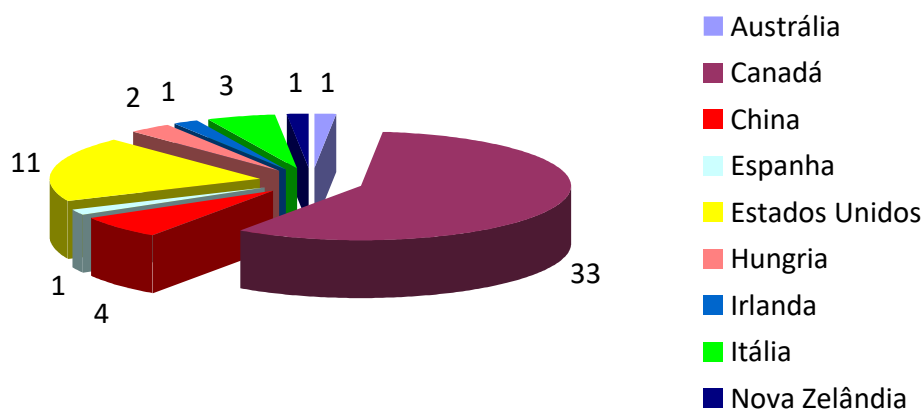


Gráfico 1 – Quantidade de discentes do IFPI em IES estrangeiras

O gráfico acima apresenta a diversidade de países em que estudantes do IFPI estudaram através do Programa Ciência sem Fronteiras. Essa diversidade proporcionou o contato desses alunos com as diversas metodologias de ensino, culturas e idiomas presentes em cada país.

Além disso, 13 (treze) estudantes do IFPI, que viajaram pelo Programa Ciência sem Fronteiras no final de 2014, permanecerão no exterior até 2016, conforme o Gráfico 2.

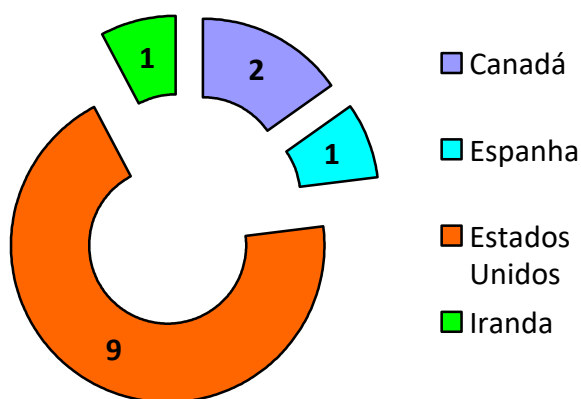


Gráfico 2 – Quantidade de estudantes do IFPI que viajaram no final do ano de 2014

De acordo com o Gráfico 2, o número de alunos participando do programa de mobilidade acadêmica do governo federal diminuiu. Entretanto, a diversidade de continentes, países e idiomas continua.

Em nenhum dos gráficos observamos a mobilidade de estudantes para outros países da América Latina ou países africanos. Isso acontece (ou não acontece) porque os países localizados na África, América do Sul, América Central e México não fazem parte dos acordos de cooperação do governo federal para o Programa Ciência sem Fronteiras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao traçar um perfil das ações de internacionalização no Instituto Federal do Piauí, analisamos os dados referentes à participação de discentes no programa Ciência sem Fronteiras, tendo como ponto de partida a preparação e o acompanhamento dos estudantes que participam do referido programa através do Projeto Rompendo Fronteiras.

De acordo com a LDB, a internacionalização acadêmica se constitui em estratégia de qualificação de pessoal, discentes e docentes, bem como um processo de promoção e divulgação acadêmica. No processo de internacionalização do ensino superior brasileiro é possível identificar diferentes momentos de importância, econômica e política conquistados pelo conhecimento, que exerceram influência sobre a forma pela qual tal internacionalização tem sido pensada e organizada, por distintos países, interesses e atores.

A política de internacionalização do ensino superior não deve ser vista como uma ação isolada ou um conjunto de atividades, tal como o intercâmbio de estudantes através de

um programa governamental. Ela deve ser tratada como um processo, ou seja, algo dinâmico, que ainda não atingiu o seu fim; e que, especialmente a esse respeito, não deve ter como finalidade apenas o enriquecimento curricular e profissional, mas sempre e principalmente, a busca do crescimento do indivíduo como cidadão e a busca do entendimento mútuo entre os povos em complementaridade às razões acadêmicas e econômicas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **LEI n.º 9394**, de 20.12.96, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. In: Diário Oficial da União, ano CXXXIV, n. 248, 23.12.96.

CAPES. **Programa Ciência sem Fronteiras**. Disponível em <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 18 nov. 2015.

DE WIT, Hans. **Internationalization of Higher Education in the United States of America and Europe**: a historical, comparative, and conceptual analysis. Greenwood Studies in Higher Education, 2002.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

IAU. **Internationalization Survey** - Preliminary findings report, By Dr Jane Knight, PhD, 2006. Disponível na página eletrônica: <http://www.iau-aiu.net/content/pdf/anual_report2006.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2015.

KNIGHT, J. **Un modelo de internacionalización**: respuesta a nuevas realidades y retos. In: Educación Superior en América Latina: la dimensión internacional. Bogotá, Banco Mundial, 2005

MIURA, I. K. **O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo**: um estudo de três áreas do conhecimento. Tese de Livre Docência, São Paulo, FEA-RP, 2006.

MOK, K. H. **Questing for internationalization in east Asia**: critical reflexions. In: Anais do Simpósio Internacional da Universidade de Osaka, 13 a 14 de janeiro de 2006, p. E-254-274.

MORHY, Lauro. **Seminário de Relações Internacionais da UnB**. Universidade de Brasília, maio de 2005.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa**: características, usos e possibilidades. In: Caderno de Pesquisas em Administração. Vol. 1, n.3. São Paulo, 1996, p. 17-21.

OLIVEIRA, A.R.M. **Internacionalização da Educação**: indicadores para a educação superior. In: Cadernos ANPAE n.4, 2007.

STALLIVIERI, L. **Estratégias de Internacionalização das Universidades brasileiras**. Caxias do Sul: Educus: 2004, 143 p. (coleção internacional).

SUDGEN, R. **A small firm approach to the internationalization of universities: a multinational perspective.** Higher Education Quarterly, v. 58, n. 2-3, p. 114-35, abril-julho 2004.

TELES, A. C. T. O. **Internacionalização acadêmica:** um percurso de desafios. Revista da UFG, v. 7, n. 2, dez. 2005. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/45anos/K-internacionaliza.html. Acesso em: 10 dez. 2015.